

**O CINE-BIXA E NOSSOS DIÁLOGOS SOBRE DIVERSIDADE SEXUAL E DE
GÊNERO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

***The Cine-Bixa and our dialogues on sexual and gender diversity: an
experience report***

Luciana Ribeiro de Oliveira

Professora Adjunta do Departamento de Ciências Sociais - DCS/UFPB; Professora Colaboradora do
Programa de Pós-Graduação em Antropologia - PPGA/UFPB, Brasil.

E-mail: lulucaribeiro@ig.com.br.

Ana Valeria Salza de Vasconcelos

Doutoranda em Antropologia no Programa de Pós-Graduação em
Antropologia Social - PPGAS/UFSC, Brasil.

E-mail: anasalza@gmail.com.

Antonio Cesar Matos de Santana

Graduado em Geografia na UVA, Brasil.

E-mail: cesarformiguinhaskt@gmail.com.

Flavio Brito Rodrigues

Graduando em Ciências Sociais na UFPB, Brasil.

E-mail: flavio2016.3@outlook.com.

Robinson Pierre Pereira da Silva Junior

Graduando em Psicologia na UFPB, Brasil.

E-mail: pierrepsique@gmail.com.

Wertton Luis de Pontes Matias

Mestrando em Antropologia no Programa de Pós-Graduação em Antropologia PPGA/UFPB, Brasil.

E-mail: wertton@gmail.com.

Áltera, João Pessoa, v. 2, n. 9, p. 138-154, jul./dez. 2019

ISSN 2447-9837

RESUMO:

O texto a seguir se caracteriza por ser um relato de experiência do projeto de extensão Cine-Bixa (2018/FLUEX/UFPB), que tem como objetivo realizar exposições/intervenções fílmicas sobre diversidade sexual e de gênero em espaços e instituições dentro e fora da Universidade. Intenta-se, através das atividades realizadas, criar novas possibilidades de diálogo, reflexão crítica e mudança social na busca de um melhor viver e conviver entre pessoas LGBTQI+ e não-LGBTQI+. A partir de uma perspectiva metodológica de intervenção pela educação e compreendendo essa última enquanto instrumento de transformação social e libertação da opressão (FREIRE, 1996), que promova o acolhimento às diversidades que nela circulam e dela fazem parte (LOURO, 2013), é que o Cine-Bixa se delinea. O projeto é recente, sendo criado no ano de 2018, mas já nos é possível visualizar algumas reflexões teóricas iniciais a partir das observações “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002; 2009) realizadas nas exposições/intervenções ocorridas. Isso também nos posiciona com olhares atentos de pesquisadores para os fenômenos que surgem no movimento em execução.

PALAVRAS-CHAVE:

Extensão. Educação. Gênero. Sexualidade.

ABSTRACT:

The following text is characterized as an experience report of the Cine-Bixa extension project (2018 / FLUEX / UFPB), which aims to make filmic exhibitions / interventions on gender and sexual diversity in spaces and institutions inside and outside. from the university. Through the activities carried out, it is intended to create new possibilities for dialogue, critical reflection and social change in the search for a better life and coexistence between LGBTQI + and non-LGBTQI + people. From a methodological perspective of intervention by education and understanding education as an instrument of social transformation and liberation from oppression (FREIRE, 1996), which promotes the acceptance of the diversities that circulate and are part of it (LOURO, 2013), is that Cine Bixa is outlined. The project is recent, being created in 2018, but we can already visualize some initial theoretical reflections from the “close and inside” observations (MAGNANI, 2002; 2009) made in the exhibitions / interventions that took place. This also positions us with watchful eyes from researchers to the phenomena that arise in the running movement.

KEYWORDS:

Extension. Education. Genre. Sexuality.



O projeto de extensão Cine-Bixa da Universidade Federal da Paraíba foi criado em 2018 com a finalidade de fomentar espaços de exibição fílmica, dentro e fora do ambiente da Universidade, que tratem de questões relacionadas à diversidade sexual e à identidade de gênero. Objetiva-se, a partir do compartilhamento de informações, experiências e emoções entre a população LGBTQI+ e não-LGBTQI+, provocar reflexões críticas que se movam em direção a possíveis mudanças sociais.

Fundamentado numa perspectiva metodológica de intervenção pela educação e compreendendo esta última enquanto instrumento de transformação social e libertação da opressão (FREIRE, 1996), o projeto Cine-Bixa foi pensado a partir da ideia de intervenções audiovisuais como dispositivo educativo facilitador da apreensão do conhecimento de forma reflexiva e crítica. Trata-se de um dispositivo local de transformação social para estimular outras reflexões, emoções e ações que se movem no sentido inverso das situações de violência e de violação de direitos a que a população LGBTQI+ ainda passa cotidianamente.

Com a proposta de uma exibição mensal que inclui estudo, planejamento, divulgação e avaliação posterior de nossas ações, o Cine-Bixa se faz presente a partir das demandas que surgem, seguindo a fluidez própria da dinâmica cotidiana do espaço acadêmico, sempre aberto para modificações esperadas e inesperadas dos planejamentos iniciais. O trabalho acontece de forma coletiva e colaborativa: cada um se coloca disponível a partir de suas habilidades e conhecimentos diversos. Cientistas sociais, psicólogos, antropólogos e fotógrafos são aqui os principais atores e atrizes por trás do telão. Os filmes exibidos podem ser de curta, média e/ou longa metragem (produção local, nacional ou internacional), todos com temáticas de gênero e sexualidade e escolhidos a partir da demanda que surge para o debate proposto e também a partir do público a que se destina.

Importante lembrar que a universidade, como espaço educativo, tal como aponta a educadora Guacira Lopes Louro (2013) deve promover acolhimento às diversidades que nela circulam e dela fazem parte. Pensando assim, a proposta deste projeto se justifica a partir de uma necessidade local da instituição em promover debates e reflexões sobre e com a população LGBTQI+ na perspectiva de combater vivências cotidianas de violências por que passam os estudantes LGBTs dentro e fora da instituição, na busca de um bem-viver e conviver.



O Cine-Bixa se baseia na teoria *queer* que surge para melhor compreender os sujeitos LGBTQI+: corpos socialmente considerados “estranhos” que provocam e fascinam. *Queer* seria um jeito de pensar a partir daqueles que desafiam as normas regulatórias da sociedade, que causam desconforto social e provocam ambiguidades que constroem e/ou reconstroem de forma subversiva as suas identidades em uma sociedade opressiva e heteronormativa (LOURO, 2013; BUTLER, 2017). A respeito dessas construções e reconstruções subversivas, a antropóloga Larissa Pelúcio Silva (2012) afirma que elas seriam a possibilidade de acionamento de um recurso subalterno de sobrevivência. Falar de saberes subalternos, lembremos, não é simplesmente dar voz aos que foram privados de fala mas, sim, pensar em outras formas de linguagem – no caso deste trabalho, a do corpo identitário socialmente rejeitado e da sexualidade não padronizada na heterossexualidade cisgênera.

A linguagem fílmica surge, assim, como uma proposta provocativa e capaz de incitar a reflexão e o debate crítico não-violento. Tratar de forma aprofundada essas exposições como intervenções fílmicas se apresenta como o grande desafio do Cine-Bixa, focado ao mesmo tempo numa educação que se propõe a ser transformadora e libertadora (FREIRE, 1996); e na reflexão dos fundamentos educativos que o cinema desperta a partir de aspectos sensíveis e criativos, considerando as imagens como possíveis produtoras de sentido (ALMEIDA, 2017).

O termo “bixa” (com “x”) presente no título do projeto, surge exatamente da proposta de transformar, de forma transgressora e irreverente, algo com tons socialmente pejorativos (o suposto xingamento “bixa”), em resistência e militância. Uma “militância do marginal”, que desestabilize a ordem e fuja de processos normalizados; que questione a “naturalidade” da regulação sexual e do dispositivo heteropatriarcal; tal como destaca Perlongher (1997), quando aponta para a necessidade de se questionar a ordem de forma subversiva a partir dos discursos das minorias. Não se trata de integrar as minorias, e sim de questionar a ordem que produz os binarismos: homem X mulher; heterossexual X homossexual; cisgênero X transgênero; normal X patológico.



Como proposta de análise pós-extensão, pretende-se transformar a experiência de nossas exposições/intervenções fílmicas em textos, “descrição densa” (GEERTZ, 1989), a partir de uma perspectiva etnográfica “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002; 2009). Assim sendo, a partir do viés teórico e de ação acima descrito, até o momento, realizamos três exposições/intervenções fílmicas. Essas serão descritas a seguir não só como relatos de experiência no projeto, mas também, e principalmente, como dados de reflexão teórico-crítica para se pensar as problemáticas da diversidade sexual e de identidade de gênero que urgem serem refletidas nos espaços dentro e fora da universidade.

A primeira exposição/intervenção do Cine-Bixa ocorreu em maio de 2018 no evento de lançamento do livro “Etnografias Urbanas: espaço, imagem e diferença na cidade” do Grupo de Estudos e Pesquisas em Etnografias Urbanas (GUETU) no Mofado Estúdio Bar, localizado no centro da cidade de João Pessoa (Figura 1). O referido bar é caracterizado por um público jovem e também de meia idade, majoritariamente masculino e heterossexual, de roqueiros e punks. A proposta de participação surgiu a partir do convite dos membros do GUETU (alguns também participantes do Cine-Bixa) e teve como objetivo provocar o estranhamento e a consequente reflexão dos frequentadores do bar no que se refere a práticas homoeróticas. A proposta foi construída em conjunto: integrantes do Cine-Bixa e do GUETU; e a partir da perspectiva de Perlongher (1997) de pensar identidades sexuais móveis, sem classificações fixas etiquetadas em seus corpos. Assim, a visualização de práticas homoeróticas num bar socialmente classificado como de público heterossexual exporia outras possibilidades, memórias, sensações, desejos, e medos próprios do contato com outras realidades – estas, não tão distantes assim das vivências cotidianas.



Figura 1 – Flyer de divulgação da primeira exibição do Cine-Bixa no Mofado Studio Bar.
Fonte: Divulgação do GUETU.

A partir dessa primeira proposta, foram exibidas cenas de filmes eróticos clássicos (com imagem e sem som) no espaço da parede de entrada do bar, no primeiro ambiente, onde ocorre a venda de bebidas (Figura 2) e onde, também, a circulação de pessoas é mais intensa. De início, na penumbra da noite, e com o som alto, as cenas praticamente não eram percebidas pelos frequentadores. Aos poucos, com sua repetição, como num *looping*, por toda a noite, alguns olhares de estranhamento e inquietação começaram a surgir, como se notassem algo “fora dos padrões” heteronormativos do próprio contexto do bar, tomado naquele dia tanto pelos seus costumeiros frequentadores, mas também por “uma galera toda alternativa”, tal como definiu para nós uma das clientes ao se referir às pessoas da universidade que ali estavam para o evento de lançamento do livro.

Ficamos (nós, do Cine-Bixa) a observar as pessoas que paravam para ver as cenas na parede do bar. A sequência de olhares e comentários a respeito das cenas exibidas começou então a ficar gradativamente mais intensa, alternando entre sentimentos de repulsa, constrangimento, curiosidade, contemplação e vibração. Bocas abertas, risos nervosos, cochichos e dedos apontados em direção às imagens se tornaram cenário comum no espaço do bar. Aos poucos fomos conversando com as pessoas e tentando estabelecer diálogos sobre as cenas e o que eles pensavam a res-

peito. Flávio, estudante da graduação de ciências sociais e extensionista do projeto, descreve suas percepções:

Percebi que as pessoas mais jovens pareciam as mais incomodadas, fui em algumas mesas, encontrei alguns conhecidos, acabei ouvindo diversos comentários. Observei um homem que bebia sozinho de pé ao lado de uma mesa de frente para a parede onde rolavam as cenas, era um homem de meia idade, careca, usava jaqueta preta, parecia ser frequentador do bar, ele olhava fixamente para as imagens franzindo as sobrancelhas, depois olhava inquieto e constrangido ao redor, voltava os olhos ao copo de cerveja, bebia grandes goles, retornava à tela meio que desacreditando no que via, olhava a sua volta, mas não via nenhum manifesto explícito de indignação diante daquilo, então ele continuava bebendo sua cerveja e olhando pra tela e, cada vez mais, parecia aceitar ou se conformar com o que via (Flávio, diário de campo pessoal, anotações sobre a exibição/intervenção Cine-Bixa, 04/05/18).

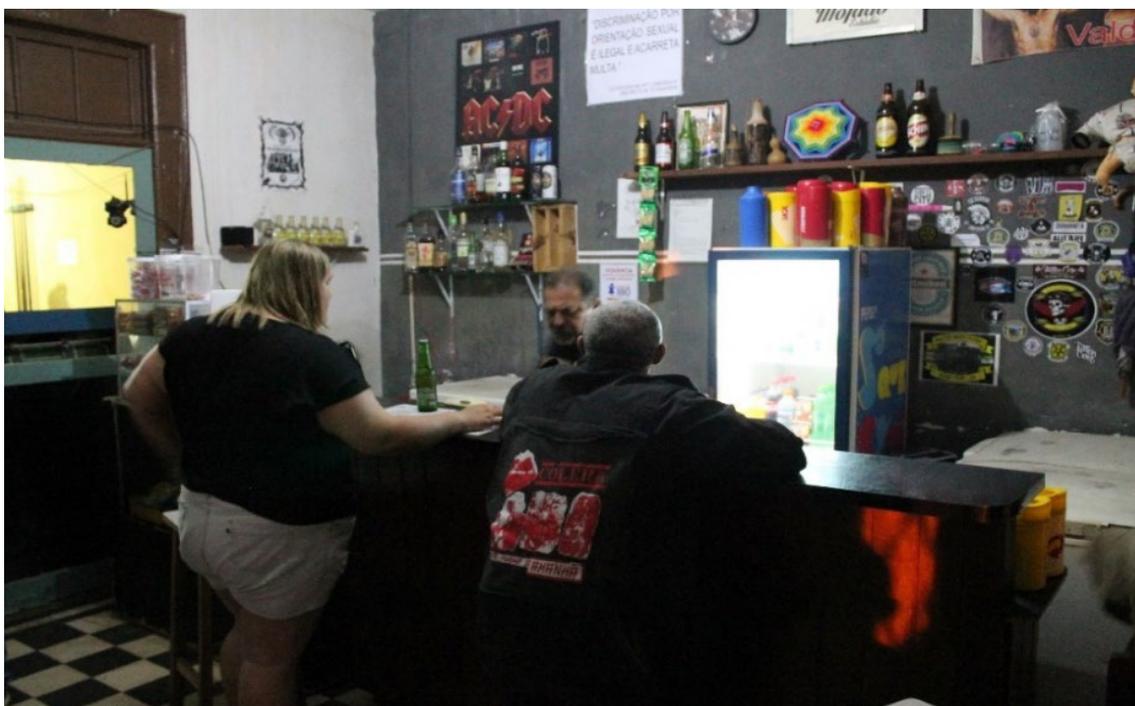


Figura 2 – Primeiro ambiente do bar, onde vendem-se as bebidas – local onde os filmes foram exibidos. Fonte: Acervo pessoal de Luciana Ribeiro (04/05/18).

Vale destacar que optamos por utilizar filmes eróticos com cenas de sexo entre homens recortados de várias películas de filmes clássicos internacionais das décadas de 60 e 70 (Figura 3). A partir dessa triagem inicial, foi feita uma edição em que só algumas cenas foram adicionadas à versão final do filme exibido no bar com uma duração de apenas trinta minutos, que ia se repetindo continuamente. Essa repetição

pareceu ter um interessante efeito em alguns espectadores que pareciam esperar a cena já assistida, seja para verificar detalhes ou para apresentá-la a um espectador menos atento que ainda não a tinha visto.



Figura 3 – Ambiente do Mofado Studio Bar onde ocorre a venda de bebidas e local onde os filmes foram exibidos (na parede ao fundo).
Fonte: Acervo pessoal de Wertton Luis (04/05/18).

O editor, fotógrafo e colaborador César Matos alega que foi desafiador realizar esse momento de edição e montagem dos filmes, visto que, por ele se definir como homem heterossexual, muitos amigos o julgaram ao verem-no assistindo as cenas homoeróticas e realizando o trabalho de edição em seu estúdio. Ele conta:

Fui bastante questionado por alguns amigos que diziam em tom jocoso que eu havia “saído da caixa”. Acredito que se houvessem cenas eróticas entre/com mulheres, o filme seria aceito mais facilmente, ainda mais num bar como o Mofado. Acredito também que meus amigos não ficariam me zoando e me julgando tanto (César Matos, diário de campo pessoal, anotações sobre a exibição/intervenção Cine-Bixa, 04/05/18).

A respeito das questões homofóbicas surgidas na intervenção, Pierre, estudante da graduação de Psicologia e extensionista do projeto, comenta que:

Foi possível identificar algumas reações homofóbicas evidenciadas por meio de gestos, mímicas e comentários do público mais cativo do bar. Porém, apesar dos estranhamentos e do choque visual provocado em muitos que ali estavam, ninguém chegou a se manifestar contra a exibição de fato, nem para nós organizadores, nem para o dono do bar (Pierre, diário de campo pessoal, anotações sobre a exibição/intervenção Cine-Bixa, 04/05/18).

A nossa escolha por não abrir para um debate coletivo e sim por realizar as intervenções corpo a corpo, no miúdo, mesa a mesa, se justificava pelo espaço, que era um bar aberto de grande circulação, com pessoas consumindo bebidas alcoólicas ao som de músicas em alto volume. Acreditávamos que não teríamos como dar conta de um debate coletivo maior diante de tantas variáveis.

Encerramos a atividade com a certeza de que foi, sem dúvidas, uma primeira intervenção desafiadora; e esperamos poder ter provocado reflexões para além das paredes “mofadas” (licença poética para o trocadilho) e heteronormativas do Mofado Studio Bar.

A segunda exibição/intervenção do Cine-Bixa ocorreu em julho de 2018 em um auditório da UFPB (Figura 4). Novamente, foi uma ação em conjunto mas, dessa vez, uma tripla parceria: o Cine Bixa; o grupo de familiares “Mães pela Diversidade” de Pernambuco e da Paraíba; e a I Semana de Ciências Sociais (sendo a atividade do Cine incluída na programação da Semana), organizada pelo Centro Acadêmico de Ciências Sociais Florestan Fernandes. A proposta se constituiu pela exibição do filme *Transamérica*¹, seguida de debate com a convidada Gi Carvalho (coordenadora do grupo Mães pela Diversidade de Pernambuco). O longa-metragem foi escolhido a partir da proposta de conversarmos sobre as dinâmicas e os conflitos entre pessoas LGBTQs e suas famílias.

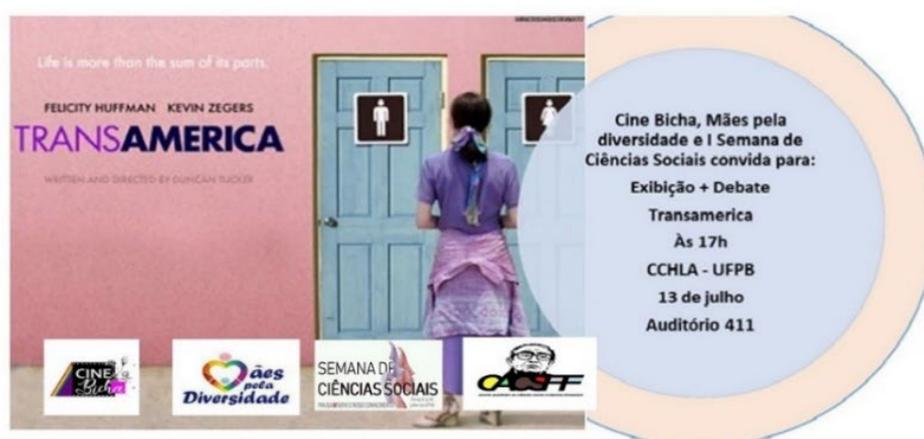


Figura 4 – Flyer de divulgação da segunda exibição do Cine-Bixa no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPB.

Fonte: Arte elaborada por Ana Valéria Salza de Vasconcelos (consultora/tutora do projeto de extensão).

¹ *Transamérica* (103 minutos, gênero drama, direção de Duncan Tucker) é um filme independente norte-americano de 2005, um *road movie* (filme cuja história se desenrola durante uma viagem de estrada).

Transamérica conta a história de Bree, uma transexual que deseja fazer uma cirurgia de redesignação sexual e, nas vésperas da cirurgia, descobre que tem um filho adolescente. Apesar de falar sobre questões bem contundentes no que se refere aos conflitos familiares e sociais que uma pessoa transexual pode vir a passar, o filme representa com tons de humor e sátira o cotidiano da Bree, o que acaba por lhe dar contornos mais leves, assim como ao consequente debate.

O filme retrata os conflitos e as rejeições familiares que Bree enfrenta especificamente enquanto pessoa transexual, mas acaba também por refletir o cotidiano vivenciado por muitas pessoas LGBTQI+. Levando em conta que grande parte do público presente nessa exibição se constituía de pessoas LGBTQI+, o filme provocou lembranças das relações familiares de muitos dos presentes, fato que ficou claro durante o debate com o grupo de familiares “Mães pela Diversidade”.

A fala da Gi Carvalho girou entre questões relacionadas à vivência familiar com relação aos filhos LGBTQI+. Gi falou das diferentes emoções que podem surgir desde o momento de descoberta até o momento de aceitação, uma “saída do armário” por que passam também as famílias no que se refere à condição sexual do/a filho/a e/ou à sua identidade de gênero. Discorreu sobre as dificuldades e resistências de mães e pais em assumirem socialmente seus filhos e, conseqüentemente, o silêncio que os ronda, sustentado pelo receio de rejeição e violência social ou familiar. Gi também falou de sua experiência como mãe de uma jovem lésbica e suas buscas por informações para melhor compreender sua filha, além de sua consequente entrada na militância do movimento social “Mães pela Diversidade” para poder ajudar outras mães e pais de pessoas LGBTQI+ que se encontrem em momentos de sofrimento e incompreensão. Segue um de seus relatos no momento do debate:

Porque eu acredito que a vivência familiar da pessoa LGBTQI+ com esse aspecto de resistência da família, de falar para a família, para os amigos, ou de falar para a sociedade que tem um filho LGBT é tão grande, mas tão grande, que quando a gente se dá a mão, ela se sente fortalecida para encarar isso de fato, pra num almoço de domingo virar a mesa e dizer ‘meu filho é LGBT e você, a partir de hoje, você não vai mais fazer piadinhas sobre ele’ (Gi Carvalho, debate Cine-Bixa registrado em vídeo, 13/07/18).



O discurso de Gi (Figura 5) também se guiou em torno de defender e explicar sua “militância afetiva” (termo nosso), esclarecendo que o fato de ela não ser uma pessoa LGBTQI+ não a impede de militar do “outro lado”, do lado do afeto, como mãe. Gi apontou as dificuldades da militância e, principalmente, de agregar outras famílias à luta de seus filhos – por medo de que os próprios pais ou seus filhos vejam a sofrer sanções sociais. A debatedora aponta que o receio de se tornar visível parece ser o maior dos entraves dessa militância afetiva, especificamente no estado da Paraíba.



Figura 5 – Debate com Gi Carvalho (Mães pela Diversidade PE e PB, à esquerda) e Luciana Ribeiro (Cine-Bixa/UFPB, à direita).
Fonte: Acervo pessoal Wertton Luis (13/07/18).

A atividade também contou com a participação ativa dos extensionistas voluntários (Figura 6), que puderam iniciar e fechar a atividade com falas em que apresentavam o Cine-Bixa (já com ares iniciais de pertencimento ao projeto), possibilitando a feitura de um trabalho visivelmente colaborativo desde seu planejamento à sua execução. A esse respeito, Pierre, estudante de psicologia e extensionista do projeto, conta:

Me senti feliz em ter participado e pude ver o quanto este modelo de intervenção possibilita uma ampliação da nossa percepção sobre os fenômenos psicossociais e onde eles estão ancorados (Pierre, diário de campo pessoal, anotações sobre a exibição/intervenção Cine-Bixa, 13/07/18).



Figura 6 – Início da atividade, com apresentação do Cine-Bixa e informações sobre a Semana de Ciências Sociais. Da esquerda para direita, Luciana Ribeiro, Wertton Luis e Pierre Júnior.
Fonte: Acervo pessoal do docente e colaborador Oswaldo Giovannini (13/07/18).

Ao final, alguns participantes, que haviam levado bandeiras com as cores do movimento LGBTQI+ (Figura 7), também comentaram sobre questões de transfobia e homofobia que vivenciam diariamente no cotidiano das suas relações sociais e familiares e que também foram tratadas no filme *Transamérica*. Eles e elas se mostraram encantados com a posição da convidada Gi Carvalho como mãe e militante ativa das causas LGBTQI+ e questionaram: “Você nos adota?”².

Por fim, durante o debate fomos convidados pelo Centro de Cidadania LGBT de João Pessoa (presente na plateia), para participar da Semana da Visibilidade Lésbica e Bissexual que aconteceria no mês seguinte. O convite marca nossa proposta de sermos um projeto de extensão que trabalha com exibição fílmica, mas também com intervenção, pensando sempre a partir de uma forma fluida e propositiva, dentro e fora da Universidade e em parceria com outras atividades, outros grupos, eventos e instituições que possam nos convidar.

² Toda a atividade desse debate foi filmada para integrar o arquivo de mídias do Cine-Bixa e para a feitura de um pequeno *take* divulgando a atividade nas redes sociais. O *take* da segunda exibição do Cine-Bixa se encontra disponível para visualização no seguinte endereço: <<https://www.youtube.com/watch?v=QdccJFuwJg&feature=youtu.be>>. O Cine-Bixa também possui uma página no Facebook para divulgação permanente das atividades: <<https://www.facebook.com/cinebixa/>>. No Instagram, o perfil pode ser localizado pelo usuário: @cinebixa.



Figura 7 – Momento final da segunda exibição do Cine-Bixa em que algumas pessoas da plateia desejaram tirar fotos com Gi Carvalho.

Fonte: Acervo pessoal de Rayanne Carvalho, filha da Gi (13/07/18).

A terceira exibição/intervenção do Cine-Bixa ocorreu, então, em agosto de 2018 no CCLGBT (Centro de Cidadania LGBT) de João Pessoa, integrando a Semana da Visibilidade Lésbica e Bissexual organizada pela Prefeitura (Figura 8). Exibimos *Gosto mais do que Lasanha*³, seguido de debate com a diretora do filme e também coordenadora do Cine-Bixa Luciana Ribeiro, e com a convidada Mc Gabí. A escolha pelo filme se norteava pela proposta do evento: debater sobre visibilidade lésbica e bissexual. Assim, o filme traria à baila a possibilidade de pensar as vivências das mulheres lésbicas dentro das prisões, seus cotidianos e suas afirmações identitárias a partir das suas sexualidades.

Vale destacar que refletir sobre a temática da lesbianidade e da bissexualidade sob a perspectiva da visibilidade é pensar não só a partir de uma militância política mas também de uma busca do rompimento do tabu social da heterossexualidade compulsória. Segundo Jules Falquet (2012), uma das grandes contribuições das lésbicas é a inversão completa da perspectiva naturalista do senso comum sobre sexo, gênero e sexualidade, questionando a naturalidade com que a heterossexualidade é tratada.

No filme *Gosto mais do que Lasanha*, é possível visualizar uma quebra da hete-

³ *Gosto mais do que Lasanha* (41 minutos, gênero documentário, direção de Luciana Ribeiro) é um filme etnográfico brasileiro que trata a respeito de um grupo de mulheres lésbicas e homens transexuais que se juntam dentro de um presídio feminino em Recife/PE para ver os jogos do Brasil na Copa do Mundo de 2014.

rossexualidade compulsória em muitos dos discursos das e dos personagens que, ao se afirmarem como mulheres “gays”, ou mesmo, como “homens” ou “menininhos”, aparentam uma lógica diferente do que se define hoje como transexualidade. Afir-mam, de forma aberta, fluida e bem-humorada, que são mulheres que gostam de mulheres (tal como dizem as personagens Sal e Bia), tanto ou mais do que lasanha ou maconha. Dizem que são mulheres que são homens hoje, mas que amanhã podem “não estar tão a fim de ser homem” (tal como afirma a personagem Tambra).



Figura 8 – Flyer de divulgação da terceira exibição do Cine-Bixa no CCLGBT (Centro de Cidadania LGBT) de João Pessoa. Fonte: Arte elaborada pelo próprio Centro.

A questão da visibilidade lésbica também surge na fala de MC Gabí, convidada do debate (Figura 9). Ela traz com muita propriedade a sua vivência “enquanto mulher preta, periférica e sapatão”, como ela mesma se referiu, para falar dos estigmas e preconceitos relacionando a essas mulheres – experiência que acaba sendo muito semelhante às das mulheres que participam do filme.

As ideias no debate foram compartilhadas com o público (todos LGBTQI+) que compareceu espontaneamente ao local, e com alguns usuários e trabalhadores do Centro que estavam presentes. No debate, a fala circulou livremente pelas pessoas. O extensionista Pierre avalia a atividade:

Foi uma experiência boa e leve. Participar desse evento fortaleceu o Cine-Bixa por ter ampliado a rede que possibilita as nossas ações fora do espaço da universidade e, com isso, atingir uma parcela mais diversa da sociedade. Cheguei no local antes de qualquer outra pessoa além da organização do evento, quando me dei conta, eu já estava explorando o Centro de Cidadania LGBT, tirando fotos e imensamente feliz por estar ali como também pessoa LGBT (Pierre, diário de campo pessoal, anotações sobre a exibição/intervenção Cine-Bixa, 29/08/18).



Figura 9 –Momento do debate do filme *Gosto mais do que Lasanha* no CCLGBT.
Fonte: Acervo pessoal de Wertton Luis (29/08/18).

À medida que o filme avançava, foi possível observar algumas risadas em decorrência do clima descontraído. Não se percebeu nenhuma reação de estranheza ou de natureza preconceituosa, o que já se esperava tendo em vista o *lócus* e o público da nossa intervenção.

A atividade se encerra novamente com um convite da plateia para o projeto de extensão Cine-Bixa: dessa vez, para realizar uma exibição/intervenção em uma unidade estadual de internamento para meninas adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa na Paraíba. O convite outra vez espontâneo aponta para um caminho de visibilidade do Cine-Bixa, mas também para a necessidade, por parte de outras instituições, de inserirem em seus espaços o debate junto à universidade sobre gênero e diversidade sexual.

Por fim, mas sem encerrar a discussão, destacamos que o projeto Cine-Bixa é bem recente e está em plena execução. Embora tenha completado apenas três exposições/intervenções (no momento de escrita deste artigo), já é possível visualizar, no entanto, que sua proposta não se fecha no espaço universitário – ela se expande e se interconecta com outros espaços e instituições que demandam um debate mais aprofundado sobre questões de gênero e sexualidade na busca de um melhor viver e conviver com a diversidade. O exercício etnográfico realizado por nós, integrantes do projeto, de observar, anotar e analisar nossas intervenções tem sido fundamental para transformarmos nossas experiências em texto e, conseqüentemente, pensarmos criticamente as problemáticas da diversidade sexual e da identidade de gênero atreladas aos espaços educacionais e institucionais.



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rogério de. **Cinema e Educação: fundamentos e perspectivas**. Belo Horizonte: Educação em Revista. n.33, e153836, 2017.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- FALQUET, Jules. **Romper o tabu da heterossexualidade: contribuições da lesbianidade como movimento social e teoria política**. Cadernos de Crítica Feminista. Ano VI. N. 5 – dezembro/2012.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v.17, n. 49, jun. 2002.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. A etnografia como prática e experiência. **Horizontes antropológicos**. Porto Alegre, vol. 15, n. 32, jul./dez. 2009.
- PERLONGHER, Néstor. **Prosa Plebeya**. Ensayos 1980-1992. Buenos Aires: Ediciones Colihue, 1997.
- SILVA, Larissa M. Pelúcio. Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer. **Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, v. 2, n. 2, p. 395-418, 2012.

Recebido em: 19/09/2018.

Aceito para publicação em: 14/09/2019.

